

ARRAIS, C. P. A. **Mobilidade discursiva**: o periodismo político em Goiás.

Goiânia: UFG, 2013. 141p.

Enderson Medeiros¹
endersofa@yahoo.com.br

O período conhecido na história do Brasil como República Velha é recheado de acontecimentos e fatos que perpassam por uma prática oligárquica de governo. Nessa prática, a questão social é tratada como caso de polícia: greve dos trabalhadores ressoando de sul a nordeste, predomínio agrário na economia nacional, esquema político de continuísmo e manutenção de poder, e assombro da instabilidade econômica mundial. Estes fatores, além da disputa pelo controle do país, concentrada nas regiões Sul e Sudeste, somados à insustentabilidade do modelo liberal, deram vazão ao sentimento que culminou na Revolução de 1930.

Apesar do foco central dos olhares estarem inclinados para o que acontecia nos estados do Sul e do Sudeste, a força desse clima reverberava em todos os entes da federação. Em Goiás, a situação política que há quase duas décadas encontrava-se sob a chefia dos Caiados, tinha no seu bojo uma oposição que avistava no momento revolucionário, a oportunidade para a tomada de poder, e a renovação política no estado. Todavia, este movimento encontrou um governo de situação forte sustentado por uma política de acordos e alianças direcionada a manutenção de poder dos coronéis, que suprimiu os revoltosos, prendendo seu líder, Pedro Ludovico, que só foi solto após a notícia de que a revolução triunfara no eixo político brasileiro.

Debruçado sobre esse rico panorama histórico, grande parcela dos estudos da história regional goiana tem se dedicado a pesquisar o período que antecede a Revolução de 1930, bem como os acontecimentos posteriores a ela, tratando-os como epicentro de mudança das práticas políticas, e ruptura com o tempo passado. Pedro Ludovico, líder da oposição que depois do golpe revolucionário foi nomeado interventor em Goiás, é o representante deste novo tempo e o fundador de Goiânia, a nova capital que se constituiu como símbolo de modernidade e luta pelo progresso.

Neste fecundo cenário histórico, houve uma busca por compreender o processo de mudança política e a construção de um novo regime. Pesquisadores desse período guiaram-se através da tentativa de enxergar as diferenças entre os

¹ Graduando em História da Universidade Federal de Goiás – UFG.

grupos políticos que circulavam a esfera administrativa do estado, acompanhando os marcadores discursivos criados pelos seus próprios protagonistas. Pode-se observar, entretanto, que grande parte da história política de Goiás foi escrita sem aprofundamento pelos que viveram e leram o período. Isso porque muitos questionam até que ponto as diferenças entre as práticas da política que foi sucedida e a política que sucedeu eram de fato diferentes. É neste âmbito que se faz presente a indagação do livro *Mobilidade discursiva: o periodismo político em Goiás* (2013), de Cristiano Alencar Arrais: Quais as mudanças efetivas promovidas pela Revolução de 30?

Arrais, nessa obra, busca expor ao leitor como ler o período político goiano compreendido entre as décadas de 20 a 30 de outra maneira. Sua obra, que contorna a história política e intelectual em Goiás, é um convite para revisitar a história goiana e seus atores, que fizeram do tempo passado os meandros da memória no presente. Ao remeter aos velhos pressupostos metodológicos de uma história política que canonizou heróis e demonizou vilões, *Mobilidade discursiva* é um livro que defronta temas caros à historiografia goiana, como a Revolução de 30, as figuras míticas de Pedro Ludovico e Antônio Ramos Caiado, a construção de Goiânia, e a consagração da modernidade em Goiás.

O autor examina com rigor a maneira com que foram edificados os discursos construídos tanto pela situação, quanto pela oposição política nos periódicos goianos, e como esses discursos da imprensa implicitamente apresentam o que ele denomina de “mobilidade discursiva”.

[...] processo de mediação de certas experiências ideológicas as relações de força já estabelecidas, fenômeno esse que provoca a extinção ou, no mínimo, a fluidez de seus campos e age como componente estrutural de determinada cultura política, inovando sem necessariamente romper com o estabelecido. [...] tal mobilidade esta linguisticamente concretizada nos periódicos locais que apoiavam ou criticavam o governo no período em questão. (ARRAIS, 2013, p.19).

Arrais utiliza na composição de sua obra os jornais como fonte e ao mesmo tempo como objeto, percorrendo um complexo caminho metodológico no alcance de pensar a mudança na operação historiográfica. Nesse sentido, o historiador dedica-se a escrever uma reflexão da história política goiana que utiliza o material produzido pela imprensa. Com isso ele toma para si o desafio de ter um cuidado preciso para não cair

em armadilhas que façam com que seu ponto de vista seja parcial, ou sua interpretação replique aquilo que já foi dito.

É notório que a imprensa goiana, tal como a brasileira nas primeiras décadas do século XX, refletia de modo geral explicitamente o aparelhamento e o posicionamento político-ideológico dos partidos. Os jornais, em sua grande maioria partidários, buscavam defender seus correligionários e atacar seus adversários, de forma que o público leitor soubesse claramente o posicionamento político do periódico. Esta prática foi denunciada inclusive por um dos articulistas que viveu e escreveu na imprensa desse período em Goiás, Zoroastro Artiaga².

Arrais, em seu livro, teve a preocupação de conjecturar esta perspectiva e fazer uma leitura cautelosa diferente daquela feita pelo leitor que teve acesso ao jornal no momento em que foi publicado. Seguindo critérios rigorosos de análise, ele examinou as fontes e ficou atento para perceber nas entrelinhas as construções intelectuais que informou e formou opiniões.

Ao recorrer à imprensa como documento histórico, Arrais teve clareza de observar que a mesma não se representa apenas como fonte de informação sobre o período investigado, mas também como representação do pensamento, da opinião, da atitude de um tempo que passou. Com isso ele compreende esse conjunto como portador de intenções e visões de mundo, algo essencial para a construção intelectual dos atores envolvidos com a questão política goiana.

O cuidado metodológico empreendido para não se deixar seduzir pelo fetiche da fonte e não conceber a informação do acontecido, sem antes vincular a elaboração dos jornais a uma rede intelectual interessada em dar um sentido próprio ao que acontece, conduz o leitor historiador de *Mobilidade discursiva* a uma aula de tratamento das fontes jornalísticas para escrita da história. O livro também propicia ao leitor interessado em história de Goiás uma leitura crítica para enxergar a capacidade e a competência da imprensa em administrar e formar opinião, e influir diretamente na cultura política do estado.

Mobilidade discursiva mergulha num período da história goiana em que os jornais atuavam como palco de manifestações e disputas políticas, e suas páginas sintetizavam o combate pelo poder entre grupos devidamente preparados para construir marcadores discursivos, que se sustentavam dentro de um escopo partidário.

² ARTIAGA, Zoroastro. **História de Goiás**: relato de acontecimentos históricos goianos de 1592 a 1946, t.2. Goiânia, Goiás, 1961.

Tudo isso estava ligado diretamente ao modo e à prática da política oligárquica vigente no período.

O ambiente carregado de intriga e autoritarismo, predominante no *hinterland*³ comandado pelo caiadismo, tinha nos jornais o endosso de uma relação que caracterizava uma prática política partidária de correligionários. Essa conduta na imprensa goiana foi recorrente desde o final do século XIX e largamente utilizada no período em que os Bulhões eram situação, em seguida com os Xavieristas e, posteriormente, com os Caiados e sucessivamente com os Ludovicos. Os estudos históricos de Moraes (1974) e Freitas (2009)⁴ apresentam uma lista de referências aos jornais deste período na qual a imprensa era tida como espelho da vida política em Goiás.

Estas articulações via imprensa procuravam desqualificar a oposição e qualificar a situação e vice-versa, excedendo o território goiano e alcançando a imprensa nacional.

Arrais, em seu livro, soube costurar esses limites, avaliando os discursos dentro do esquadro do periodismo político goiano. O recorte temporal demarcado entre o final de um governo (Caiado) e o início de outro (Ludovico) sublinhado nas condições políticas ditadas por dois períodos, “A Republica Velha” e o “Estado Novo”, e concatenado pela Revolução de 30, apresenta ao leitor como a oposição e situação se apropriam da imprensa para construir seus discursos de defesa e ataque.

As injúrias disparadas por ambos os lados que perfaziam o ambiente político de intriga e conspiração são meticulosamente sublinhadas pelo autor, que procura dimensionar esta atmosfera ao leitor, de maneira a postular as permanências históricas acentuadas na cultura política praticada em Goiás. Desse modo, seu argumento é envolvido por indagações tais: o que de fato o regime político imposto por uma revolução trouxe não seria o velho no novo, ou melhor, o novo de velho? Pedro Ludovico, notoriamente registrado nos anais da história como símbolo de renovação, estaria de fato representando uma figura de mudança no protagonismo político goiano?

³ Expressão comumente utilizada pelos jornalistas goianos do início do século XX para designar Goiás.

⁴ MORAES, Maria Augusta Sant'Anna. **História de uma oligarquia**: os Bulhões. Goiânia: Oriente 1974.325 p.

FREITAS, Lena Castello Branco Ferreira. **Poder e Paixão**: a saga dos Caiado. Goiânia: Cãnone Editorial, 2009. 2.v.

Arrisco dizer que Arrais, em poucas páginas, apresenta reflexões da história política de Goiás que desconstroem uma forma de pensar, permitindo ao leitor percorrer o modo com que ela foi escrita, e como isso influenciou a memória goiana. Com uma cautelosa audácia, o livro *Mobilidade discursiva* provoca a tradição de escrita de história, no que se refere a propor um novo olhar aos acontecimentos e fatos que a historiografia goiana tomou como baliza de análise.

A ideia de oposição entre os tempos cujo marco cronológico é a Revolução de 30, a figura de Ludovico como catalisador de um ideal de modernidade, progresso e mudança – predicados sistematicamente encontrados em dezenas de trabalhos de história de Goiás e que perpassa inclusive lugares diferentes de escrita –, e a ruptura de uma cultura política separada por uma revolução são conjecturadas numa proposta de investigação que busca provocar novas abordagens.

Nesse sentido, o livro de Arrais é sugestivo ao historiador que está disposto a pensar a história política goiana, na medida em que alarga os pressupostos metodológicos, convidando o historiador a repensar suas categorias e as abordagens cristalizadas nas páginas publicadas deste tema. Além disso, *Mobilidade discursiva* é um livro oportuno que propõe ao seu leitor pensar como as permanências históricas de uma cultura política de Goiás, e quiçá do Brasil de ontem, fazem-se presentes ainda hoje.

Recebido: 20/04/2015

Aprovado: 09/07/2015